



Universidade de Brasília

Repositório Institucional da Universidade de Brasília

repositorio.unb.br



Este artigo está licenciado sob uma licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

Você tem direito de:

Compartilhar — copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato.

Adaptar — remixar, transformar, e criar a partir do material.

De acordo com os termos seguintes:

Atribuição — Você deve dar o **crédito apropriado**, prover um link para a licença e **indicar se mudanças foram feitas**. Você deve fazê-lo em qualquer circunstância razoável, mas de maneira alguma que sugira ao licenciante a apoiar você ou o seu uso

Não Comercial — Você não pode usar o material para **fins comerciais**.

Sem restrições adicionais — Você não pode aplicar termos jurídicos ou **medidas de caráter tecnológico** que restrinjam legalmente outros de fazerem algo que a licença permita.



This article is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License.

You are free to:

Share — copy and redistribute the material in any medium or format.

Adapt — remix, transform, and build upon the material.

Under the following terms:

Attribution — You must give **appropriate credit**, provide a link to the license, and **indicate if changes were made**. You may do so in any reasonable manner, but not in any way that suggests the licensor endorses you or your use.

NonCommercial — You may not use the material for **commercial purposes**.

No additional restrictions — You may not apply legal terms or technological measures that legally restrict others from doing anything the license permits.

Esta licença está disponível em: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/>

Sobre leis, narciso e seus clamores

Francisco Catunda Martins

Psicanalista, Psicólogo Clínico, Psiquiatra, Professor Titular na Universidade de Brasília, autor de Psicopathologia I e II, PUCMinas Editora, e O complexo de Édipo, O nome próprio, Edunb.

End.: Caixa Postal 04462, UnB. Brasília, DF. CEP: 70904-970. E-mail: fmartins@unb.br

Henrique Figueiredo Carneiro

Professor titular da Universidade de Fortaleza. Pesquisador da ANPEPP - GT Psicopatologia e Psicanálise. Membro fundador da AUPPF. Coordenador do PPG-Psicologia-Unifor.

End.: Aloysio Soriano Aderaldo, 150. Ap. 202. CEP: 60191-260

E-mail: henrique@unifor.br

Resumo

Duas leituras sobre a lei e narcisismo, realizadas em contextos articulados academicamente distintos, geram uma discussão em torno do sofrimento psíquico e sua relação com o sujeito, a sociedade e a cultura. Na primeira parte do trabalho, questões do cotidiano do sujeito no social são levantadas a partir duma discussão antropológica e psicanalítica. Na segunda parte é levada a cabo uma discussão sobre a realidade narcísica que é tratada por discursos advindos de vários campos do conhecimento. O desenvolvimento do texto fomenta a polêmica sobre o lugar do sujeito, do inconsciente, e de uma cultura narcisista, guardando cada autor a elaboração própria e leituras atravessadas, concluindo

com hipóteses, elaborações teóricas e dados de pesquisas com adolescentes em fase avançada de análise. O trabalho aporta contribuições importantes, sobretudo em função dos estudos da dessubjetivação e da violência, e lança uma reflexão sobre a reivindicação dirigida à psicanálise hoje.

Palavras-chave: Lei, Sofrimento Psíquico, De-subjetivação, Violência, Psicanálise.

Abstract

In this article it is proceeded two lectures about law and narcissism from distinct theoretical points of view. It generates a query concerning psyche suffering and its relationship with subject, society and culture. In the first part it is discussed questions about the social subject in everyday life from an anthropological and psychoanalytical perspective. In the second part a discussion about narcissist reality is developed from varieties fields of knowledge; it generates polemics concerning unconscious subject's place in society with a narcissist culture; then on it is studied each author and hypotheses in relationship with data provided by a research with adolescents. This work carries out two studies about de-subjectivation and violence in Brazilian society. It replies constant questions addressed to Psychoanalysis concerning Violence and De-Subjectivation.

Keywords: Law, Psychic Suffering, De-subjectivation, Violence, Psychoanalysis.

Parte I – Escolha rejeitando: quer lima ou caju?

Como afirmar um sujeito desejante em um país que o analfabetismo e as leis só favoreciam os sujeitos mais providos? Bem cedo o povo submetido sabe a dificuldade em ascender. O 'você sabe com quem ta falando?' ou o 'olha, para os amigos tudo, para os inimigos os rigores da Lei!' mostra a faceta mais cruel para quem se encontra na posição do underdog. Não ver a massa de prejudicados de nascença é tapar o sol com a peneira, dizendo que ele só aquece e não queima. A cada grande craque vemos o esfor-

ço desejante necessário para escalar barreiras, evitar guilhotinas e encontrar um nicho social que permita existir. Como entender Garrincha, Djalma Santos, Edmundo, Romário sem isso do social? Talvez Paulo César Lima seja o jogador na década de 1970 que mais atraiu agressividade do grande público contra ele. Soube atravessar a barragem de fogo de *cocktails* molotovs de rejeições, acusações, invejas, difamações, projeções, ódios irracionais, impedimentos de entrar pela porta do clube pela frente... Paulo César Lima. Caju [escolham: Caju ou Lima: ele será indiferente] conhece a maldade das palavras, das imagens, colocando-o como um petulante, orgulhoso, pernóstico, mas acredita também na realidade da vida e de quanto o desejavam pelo seu futebol deslizante e perfurador. Dizer isso não diminui a dor e o sofrimento desse homem que não soube ser um cínico deslavado, largando um sorriso de escárnio contra seus detratores. Caju não virou suco. Em geral, continuou a vida, a pulsão o carregando no seu destino nem se deixando engolir pelo demoníaco que o rondava. Cheirou dois apartamentos de luxo em cocaína e foi desbocado até não mais poder. Quando não pode mais com a chamada carreira de drogado, vendo o bichão da morte lambendo-lhe no cotidiano, saiu da lua de mel com a coca, virando comentarista e avaliador sagaz dos modernos tempos e do futebol. Fez de tudo o que é criticável e que leva alguém aos nossos gabinetes de psicanalistas, mas não detonou o núcleo daquilo que ele mais prezava, sabendo ou não: o 'Eu sou assim'. Isso carrega não somente a sincronia do atual, mas uma história longa brasileira do que chamamos genericamente um colonizado. Claro que não é colonizado no sentido europeu. Quando dizemos sermos ainda colonizados é um fato constatável na sinonímia falada, pouco erudita. Já vi brasileiro designar um proletário italiano de colonizado. É somente a clareza sinonímica que colonizado é interligado com a escravidão, é um *underdog*, um explorado e que assim o foi ainda que tenha em largos momentos sido um *upperdog*, quase um dirigente, mas que não foi deveras. Mas, são os fatos que mostram que o uso, a troca pouco favorável ao que trabalha muito e ainda recebe a invectiva jocosa de que "para baiano todo dia é domingo", desconhecendo a verdade da carga horária do trabalhador. Sim, a colonização não tem o sentido originário mais, tem o significado de colonização no sofrimento do trabalho e na contínua colonização no sentido literal ideológico,

inserindo-se nos nossos Super-Eus e ideologia do correto. Como defender-se e afirmar-se sem criar mais crueldade? Quiçá a frase de Wilson Baptista cantada pelo poeta-sambista Paulinho da Viola, com a sua mansidão, mas percussão segura, tenha tirado um refrão bom e eficaz que habita as nossas mentes contra a maldição por não sermos aceitos por iniquidades: “Eu sou assim, quem quiser gostar de mim, eu sou assim...”¹

O inconsciente, ainda que axiomáticamente atemporal, só se efetiva em um ser, um ethos e sociedade temporalizada, historicizada. O próprio Eu carrega consigo na sua inserção simbólica genealógica a marca do tempo e das diferentes gerações. Recusar tal ideia consiste simplesmente em introduzir uma teoria psicotizante do sujeito: atemporal, com livre fluxo de energia, sem terceiro excluído, seguindo lógica do funcionamento do processo primário. Que saibamos, o inconsciente – Das Es, o Isso, o Id – não é só uma potência criadora de maravilhas poéticas e artísticas. Ele cria monstros e psiconeuroses e sofrimentos indescritíveis. Não é por descrever as leis do inconsciente como um estranho que Freud pense que devemos adotá-lo como modelo. Ao contrário, *Wo Es war soll Ich werden*², ‘Onde era o Isso o Eu deve advir’ é o que Sigmund Freud velho afirma e reafirma. Nunca esqueçamos o verdadeiro espírito da letra freudiana que qualifica o Inconsciente. Mas não é grosseiro querer atacar a consciência como se ela fosse algo a ser execrado? Afinal ela é o que nos resta como uma velinha na escuridão da ignorância, do desconhecido, pequenina e fugaz, subproduto do psiquismo geral. SF velho e sábio, doce, esbraveja neste sentido meses antes de morrer em plena lucidez. Ela é o que temos para conduzir-nos ainda que o seu Eu seja eventualmente o palhaço do circo da existência. No mal que ela comporta, mas também no bem, a civilização e a humanidade na sua felicidade e infelicidade se faz.

Como cumprir o *sollen*, dever sem qualificar o advir? Se Freud não atuou socialmente diretamente na política ele nunca deixou de ver os estragos no advir humano (*werden*): obrigado a fugir do nazismo, deixando duas irmãs para trás, circunstâncias o forçaram, para vir a morrer gazeificadas em campo de concentração. Lá estava escrito algo abominável como dístico a ser seguido pelo bom trabalhador, moldado em letras soldadas em ferro no portão-

zão: *Arbeit ist Frei*. Não esqueçamos nunca da enunciação, o que se passa com relação a tempo, pessoa e espaço, e veremos então o absurdo de ver duas velhinhas levadas para o trabalho escravo e ainda recebendo a inculca que o Trabalho é Liberdade naquelas circunstâncias...

Não conhecemos psicanálise do escravo. Nem sua eficácia terapêutica em sujeitos não somente assujeitados ao inconsciente, mas às circunstâncias. Ainda que o inconsciente se aproveite das circunstâncias e essa seja fruto já deste, a circunstância histórica é fruto de milhões de seres humanos e do vasto caudal em conflito da história humana. Desacreditamos em uma psicanálise de seres que não se sentem ou podem se efetivar como tal, como cidadãos que peçam análise de veras. Em geral é necessário todo um caminho preliminar para ultrapassar o sintoma e também certos marcos ideológicos que sustentam a neurose para a análise acontecer. Face aos avanços que tivemos com o estruturalismo no século XX podemos admitir que o inconsciente se faz na sincronia da atividade do existente, mas também na diacronia histórica. Se o desejo se apresenta na sincronia, o poder se faz presente na diacronia. Desejar e poder são diferentes ainda que interarticulados. Fazer valer seu desejo é uma arte que se faz na vida e não no imaginário. A vida hostil se faz presente.

É inadmissível pensar que um caipira paulista obsessivo seja compreendido na clínica como tão somente similar a um Homem dos Lobos russo. Ainda que sejam parecidos nos sintomas, as diferenças de formação, de contexto e cotexto são determinantes. Caso lembremos a influência da história na existência e destino de Serguei Pankejeff³ não precisaremos nem demonstrar que o mundo caipira é outro universo e que determina o destino funesto também igual às irmãs de Freud.

Momento 1 - gravemente neurótico, riqueza em depauperação, gastando o que tinha com Kraepelin terapeuta e depois com Freud analista, conseguiu que a psicanálise tornasse 'sua vida possível', afirmou antes de morrer. E isto é muito, todos nós que fizemos análise sabemos disso. Momento 2 - Com a revolução russa o Homem dos Lobos ficou pobre de vez. Sua psicanálise com Ruth Marck De Brunswick⁴ se mostrou mais importante, pois, ainda que

na pobreza, agora forçada pelo bolchevismo que tomou o resto dos bens, ele conseguiu levar a vida em frente. E como ele ganhou a vida depois de empobrecido, mas menos neurótico, graças à análise? Vendendo entrevistas para jornalistas e historiadores como o importante paciente de Freud: a psicanálise a seu serviço agora, como uma mãe que lhe fazia uma falta aprofundada na carência efetiva da falta de dinheiro e bens, fato este determinado pela Revolução de 1917. O Homem dos Lobos pobre se virava. Também o caipira sadio estrebucha, mas não se entrega; contra toda a adversidade, tenta fazer a realidade recuar com os seus jeitinhos. O jeitinho, porém, não resolve a realidade do seu empobrecimento. Se neurotizar o estado de pobreza vira processo e depauperação de milhões: os Jeca-Tatús do interior do país.

A psicanálise como ciência do devir humano é interessante não somente naquilo que nos faz iguais, mas principalmente naquilo que nos faz diferentes uns dos outros. Se seus Ids são similares há que ver o aparelho psíquico, com superegos, egos, pré-consciente, consciente e inconsciente radicalmente variados. E o mundo também, o caipira, o da cidade de Odessa no oriente. O homem é ele-mesmo, com seu inconsciente, e as circunstâncias. Fazer também seu destino não implica de participar na constituição da sua história?

Oferecemos farofa a um grande amigo suíço que nos ama sem a menor dúvida. Aceitou de imediato. Apesar da amizade cuspiu incontestemente:

– É areia!

Engraçado que o futebol também envolve o gosto. Cabe então ao profissional mostrar seu trabalho e avançar. No auge da rejeição à PC Caju ele foi ‘comprado’ pelo futebol francês. E nos anos que se seguiram, e no meio futebolístico que frequentei na francofonia, Paulo César foi e continuou sendo reconhecido como o grande craque brasileiro que jogou na França. Se fosse PC Farofa daria praticamente no mesmo, pois ele nunca se rejeitou ou se deixou ser cuspidor fora. Não confundamos signo, significado (meaning), significante (forma) com o referente, o Paulo César Lima, nascido em Morro no Rio, craque do Botafogo, ponta-esquerda da seleção de 70. PC agradece e nós também.

Atividades antropológicas como o gozar, o trabalhar, o amar e o comunicar são sempre dialéticas. Elas nos unem e podem nos separar. Dão-nos identidade e poder de reconhecimento do outro tido como diferente de nós. Igualmente ‘a gostar de farofa’, nos reconhecemos de maneira inequívoca quando Gill, um jovem inglês em passeio pelo Brasil pede para bater bola em um grupo e reclama do jeito de jogar da turminha adolescente: dois golzinhos, campinho pequeno, escutou sem gostar ‘cuidado para não chutar a bola com violência’, ‘não entrar com força’, enfim qualificações mais para brincar do que ganhar, mais do driblar do que forçar o gol. Insuportável ficar ‘brincando de bola’ com regras que não entende bem de saída, pois parece algo *silly*. Não é futebol de verdade. E realmente não é. É só a brincadeira usual que cria o espírito de jogar bonito e sem brutalidade como sendo essencial de preservar na nossa cultura. Claro que existe a guerra, mas entre jovens amigos para que isso? Loguinho Gill encontra meio de brincar com a bola e percebe que também na Inglaterra eles gostam de brincar, mas não tão insistentemente e em lugares exíguos e inapropriados. O samba e o futebol forneceram identidade para o olhar não dos outros, mas do grupamento familiar e de nós mesmos. Afinal, o futebol, a capoeira, o samba, a reza, o carnaval, a quermesse de São João e outras manifestações populares foram exercidas pelo prazer e para o prazer daqueles que o fizeram. Nem sempre o fizeram para o olho do outro estrangeiro. Ainda que oferecendo sua força de trabalho por quase nada, submetidos ab ovo a serem ninguém, forcluídos da palavra e dos seus próprios corpos, pouco sobra como possibilidade de reverter um destino infeliz. Sobra o corpo que mesmo ele é assenhorado pelos outros interessados e também pelo estado.

A ideia de identidade como unidade estável contrasta com o conceito de inconsciente e do psiquismo dinâmico. Temos identidades nacionais construídas por alguns e assimiladas por muitos e temos identidades sempre múltiplas em todos os países e todos os grupamentos. Tanto como harmonia ou como predicação estável acerca das somas de identificações imaginárias que nos conduzem, ambos os conceitos se veem confrontados com o dinamismo do inconsciente no psiquismo.

A identidade é o que nos diferencia uns dos outros: a questão da alteridade está na base do conceito. Alteridade que não é só com os povos estrangeiros, mas também com os outros sócios, os outros meus irmãos, o outro meu pai e a minha mãe e o seu objeto se tomado como primeiro outro objeto na teoria psicanalítica. A identidade nacional está profundamente ligada a uma reinterpretação do popular pelos grupos sociais e à própria construção do Estado brasileiro. Não existe, assim, uma identidade autêntica, mas uma pluralidade de identidades, construídas por diferentes grupos sociais em diferentes momentos históricos. Duas dimensões: uma que se afirma no discurso externo e outra que se identifica a algo.

Esta questão de identidade – quem somos nós, quem sou eu ou revertida para veja quem sou eu – é uma questão universal. Sem ela não haveria distinção entre mim e o outros, entre nós e o estrangeiro. Entre a família e eu, entre eu e meu pai, entre eu e meu irmão, eu e minha mãe, nós e os outros. O Eu é um outro quando levado ao pé da letra e em ato mostra a catástrofe psicótica que sobrepara o humano. Não obstante nos pensamos como sendo um outro, nos imaginamos e nos pensamos e apreciamos bem ou mau. O diacriticismo está presente sempre ao nos pensarmos. O eu passa a ser pensado e constituído em processo no psiquismo. A identidade é fruto também deste processo. Ela é moldada pelos conflitos determinantes da história e cada povo, nação, agrupamento e desde que o mundo começou a comerciar as relações de exploração que se desenvolveram ao longo dos últimos quatro séculos que destruíram civilizações e constituíram outras. O Brasil se constituiu a ferro e fogo, na escravidão indígena na produção do pau-brasil, na escravidão negra produzindo açúcar como um ouro branco exportado para Europa, ainda que a boca da fornalha tenha destruído milhares de homens e enriquecido uns poucos no Brasil e outros mais graúdos na Inglaterra e Europa. O inconsciente desconhece a realidade, mas a consciência não pode se permitir a tanto sob pena de entregar a existência ao “mundo das trevas” como disse Freud em uma das suas metáforas acerca do inconsciente. Se não bastasse, ele mesmo teve que sair às carreiras do nazismo, com ajuda dos amigos estrangeiros. Inocentes não podem ser naives, bobos, senão suas consciências servem para nada, a não ser para a morte chegar mais cedo.

Parte II - Revolta dos desamparados

O Eu é um Outro e a narcisidade em xeque

Os pressupostos que guiaram duas pesquisas em andamento no Núcleo de Atenção às Vítimas da Violência – NAVIA – do Laboratório sobre as novas formas de inscrição de objetos (LABIO), uma sobre a “Violência, culpa e ato: causas e efeitos subjetivos em jovens e adolescentes”, e, outra sobre a “Violência nas torcidas organizadas de Futebol”, confirmam que a manifestação da violência é um texto cheio de traços intercalados com atos reivindicatórios de um amparo simbólico que se encontram submerso em uma lógica anômica.

Os pressupostos que balizaram esta pesquisa foram:

- Que a violência é efeito do enfraquecimento de limites discursivos que na atualidade fomentam o ato de consumo como prioridade nas relações sociais;
- Que o ato de consumo suporta outros atos classificados como violentos e dirigidos ao próximo;
- Que a culpa do sujeito ao desenvolver este ato contra o próximo fica diminuída, na medida em que os mitos estruturantes que limitam os espaços entre os cidadãos estão desgastados e inclusive impossíveis de serem tomados como referência, dada a dinâmica substitutiva de investimento no consumo.

A análise das categorias construídas na pesquisa, que concluirá em fevereiro de 2010, aponta à confirmação destes pressupostos nos seguintes aspectos:

As causas do desencadeamento dos brotes de violência indicam uma desorganização dos laços sociais e corroboram, sobremaneira, a ideia de que não há mais limites nítidos entre desejo e necessidade, pois a necessidade está sendo elevada à condição de desejo. Este dado se deixa notar principalmente pelo acerbado cumprimento de um imperativo de consumo que emana da ordem vigente e que se transforma em controle das necessidades. São ideias que atendem ao que Lacan (1998) chama atenção para o deslocamento do desejo para a necessidade em função do apetite como a marca principal de uma sociedade.

O consumo, por outro lado, é efetivado como uma lei própria e com autonomia imperativa, como se fosse uma referência balizadora de valores sociais. Com isso, o que se instala é um estado de anomia em que a lei subsiste, porém da pior forma possível. O legislador, a autoridade, distribui não mais a ordem senão atos de consumo e, conseqüentemente, é responsável também pela distribuição de atos de violência ao autorizar a nova lei que sustenta os laços.

Sem a baliza da autoridade reguladora não há como sustentar diante de cada cidadão a referência à culpa, quando o sujeito no espaço da cidadania comete um ato transgressor. A transgressão passa a ser um elemento próprio do estado de anomia que salta de uma política para uma biopolítica moderna de invasão do desejo, pois o que se impõe é a ordem da necessidade.

Uma consequência importante no campo das relações sociais e que afeta os laços da cidadania é que a voz imperativa situada no controle do consumo, objetivando um retorno de mais valia que alimenta o dispositivo de controle, não permite que o cidadão identifique um responsável pela ordem do consumo. Esta ordem gerada sobre o edito da necessidade é circulante e também distribuída dentro toda a sociedade de forma igualitária. A diferença é o acesso ao bem colocado como o referencial regulador das relações sociais, que funciona como uma espécie de semblante dos pressupostos éticos das relações entre as pessoas.

Como a alteridade vigente é pautada pelo acesso ao bem, que se confunde com objeto da subjetividade de cada um, o que fica exposto radicalmente é uma das formas de sofrimento psíquico que Freud (1930) destaca no Mal-estar na Civilização ao dizer que as relações entre as pessoas é a fonte mais complexa de geração de sofrimento psíquico. Acrescentamos nesta pesquisa, que o grau de complexidade advém principalmente da revelação de que não há responsável pela ordem do consumo.

Como não há um responsável pela ordem do consumo não há como responsabilizar a ninguém pela impossibilidade de acesso ao bem que passa a ser materializado. A consequência desta conclusão da pesquisa aponta a muitas variáveis de grande valia para o estudo da violência, suas causas e efeitos subjetivos. Um

dos efeitos é que o bem fica reduzido a bugigangas distribuídas pelo mercado. Com isso, o bem-estar social segue a mesma linha de argumentação discursiva e ganha espaço de verdade no discurso do consumo. A outra consequência destacável é que cai por terra o lugar da alteridade como um lugar de referência a um mito. Se o mito é importante para regular a relação entre amor e ódio, como pode ser visto em Lacan (1985), quando trata da importância do mito no caso do Pequeno Hans, o que subjaz desta operação é a constatação de que sua ausência promove um levante na tolerância da diferença entre os sujeitos no laço social. O que resta é o império thanático por excelência, como forma de relação amorosa.

A ordem vigente indica que a diferença se manifesta pela balança do mercado de acordo com a ideia de Carneiro (2009). Um mercado sem responsáveis e com uma ordem distributiva pautada no acesso pela necessidade, não importando a forma de acesso. Enfim, não há um mito que sustente um discurso como na religião ou em outros campos em que o Outro sustenta o foco e as revoltas. Estas são dirigidas ao próximo.

A narcisidade reclamada não é um narcisismo coletivo

Quiçá um dos maiores equívocos interpretativos que assistimos na nossa época seja a taxaço dos laços sociais que traduzem o efeito da posição da lei em direção à sustentação da alteridade, vista como uma explosão de Narcisos encampados por uma lógica de captação de culpados.

O desespero encontrado na desarrumação dos laços sociais convoca o psicanalista, atento à dinâmica de que não há clínica sem ética na medida em que não há também clínica sem laço, a suportar – muitas vezes – uma clínica do silêncio repleta de apelos, não de uma ordem amorosa, mas de uma envergadura do desespero. Esta articulação implica, sobretudo, dizer que o laço se dá em um lugar subjetivo. Não há clínica sem ética também porque não há clínica sem Outro, ainda que seja pelo semblante que permite a amarração do que flui em fantasia. E toda vez que os discursos cambaleiam em consequência do movimento do Outro, como se vê agora na era da busca desesperada pelo metonimização do resto,

vale repensar que algo da ordem do desejo foi afetado.

Este lugar, uma vez rompido na dinâmica imaginária, lança o sujeito no clamor por uma posição perdida. Na verdade esta posição sempre esteve perdida, porém representada por dispositivos simbólicos que a cultura propicia ao sujeito. Dito de outra forma, Lacan nos relembra no Seminário X (...), de que a angústia não comparece sem objeto. Ela o tem, sempre o tem, e é bem definido principalmente em momento de desespero do sujeito. E esse é o problema maior para o sujeito, pois não consegue se desvencilhar dela. O objeto da angústia não larga o sujeito nunca, implicando-lhe constantemente na tarefa de construir um sentido para esta condição.

Não há narcisismo coletivo, pois, a condição ou o evento narcisista não suporta um laço. O que há é uma crise do laço que lança o sujeito na busca desesperada por uma condição de suporte. A crise narcísica do sujeito é um indicador de que algo na ordem do Outro o despreza, lançando-o em um abismo real muitas vezes sustado pela intervenção imaginária do eu. O despreza, mostrando que há um objeto inexorável que o acompanha seja aonde for. É assim desde o princípio da discussão sobre o construto subjetivo dos ideais de eu e do eu ideal. Só há ideais porque o Outro é inconsistente na tarefa de arregimentar o sujeito em uma perfeição imaginária.

Com isso, a narcisidade – enquanto um lugar subjetivo – é de grande valia para pensarmos o atual estado da arte de viver, para utilizar um termo antigo que Foucault resgata na história da sexualidade quando trata das relações éticas no mundo grego. Enquanto um lugar de pertencimento, o terreno propício é o Outro. O Outro se manifesta ao sujeito através de um empoderamento que sempre é falho na proporção que não pode contar apenas com seu desejo, pois conta também com a quebra desse desejo para que a alienação do sujeito possa ser promovida a sua condição também desejante. Assim surge o sujeito que se depara com a falta que o faz desejar e angustiar-se.

Este movimento pode ser muito bem ilustrado com os sintomas da violência exibidos nas torcidas organizadas de futebol, uma das consequências mostradas pela pesquisa em andamen-

to, realizada no espaço do LABIO, é a negação da alteridade, o esvaziamento das representações subjetivas e o aumento da inconsistência do representante da lei na atualidade.

A negação da alteridade é um indício da regressão simbólica sofrida pelo sujeito. Sempre que o sujeito se depara com o estatuto individualista há um esvaziamento do aspecto subjetivo. Esta lógica se apóia no pressuposto - que a pesquisa confirma - de que a violência é efeito do enfraquecimento de limites discursivos que na atualidade fomenta o ato de consumo como prioridade nas relações sociais.

Assim, a referência do enfraquecimento discursivo não implica dizer que não há um Outro presente na hora de dar as cartas. O que chama a atenção é que a ordem vigente é consumista. Ao Amo lhe interessa que todos se confundam na ordem do consumo, metamorfoseando-se em ninguém e perdendo conseqüentemente o lugar da alteridade. Esta condição perdida, o poder de diferenciação no laço social, empurra o sujeito no abismo real e o faz clamar por um retorno à posição anterior.

Enquanto não consegue trabalhar a restituição da posição perdida, clama através do ato que conhecemos como atos violentos. Outra conseqüência é que a sigla que ampara a torcida organizada se sustenta em uma lei anômica. Com isso a pesquisa mostra que o ato de consumo enquanto um imperativo do discurso capitalista vigente implica o sujeito na seqüência de outros atos classificados como violentos e dirigidos ao próximo, que nesta condição não guardam mais alteridade senão a presença de ninguém que pode ser sumariamente eliminado.

Há um prazer narcisista que, neste caso pode, ser identificado como um ato contra o Outro que, não dando a cara, se faz representar sobre os que receberam a distribuição de uma lei anômica. Há pequenos impulsos de laços, mas, pouco duradouros. Enquanto existentes, durante o confronto de times ou de torcidas, a paixão exprime um sofrimento em cada sujeito e ao mesmo tempo apresenta claramente o que reivindica cada um neste semblante de laço.

Na condição de representantes de um movimento reivindicatório da condição perdida, a de um sujeito mediado por um Outro

fundante de uma falta, o que aparece para o sujeito é a inconsistência do Outro a céu aberto. Algo como um mito caído, sem nome e sem cara. Com isso, a revolta dos desamparados fica mais evidente. E comparece sem mitos balizadores e empoderando o sujeito da falta de culpa, pois o remorso não é de haver assassinado o Pai. O que há é um embaraço – e só isso – não por haver eliminado o próximo. Este já era ninguém, por estar esvaziado de uma referência de mito que uma vida representa em cada cena do social.

O Outro, quando não é capaz de causar um mito, causa apenas ira, violência e a devastação no laço social. E essa é a característica da revolta dos desamparados, a falta de sustentação no mito que se coloca em cena toda vez que reclama por uma narcisidade. A culpa neste processo chega ao seu nível mínimo e os atos mais banalizados, na medida em que não há uma grande causa para ser transgredida. O que reina é uma linearidade.

As conclusões a que chegamos nestas duas pesquisas corroboram – na sua essência – o pressuposto de que a culpa do sujeito ao desenvolver o ato contra o próximo fica diminuída, na medida em que os mitos estruturantes que limitam os espaços entre os cidadãos estão desgastados e inclusive impossíveis de serem tomados como referência, dada a dinâmica substitutiva de investimento no consumo pautado no discurso de uma produção de um bem materializado.

Notas:

1. “Novas Conferências Introdutórias de Psicanálise - Conferência XXXI” (1932), GW, XV, p. 86; SE, XX, p. 80; ESB, XX, p. 102.
2. Frase de Wilson Baptista cantada pelo poeta-sambista Paulinho da Viola.
3. Sergei Konstantinovitsh Pankejeff (Aristocrata Russo de Odessa conhecido como o paciente de Freud, que lhe deu o pseudônimo de Homem-Lobo para proteger sua identidade após ter tido um sonho de uma árvore cheia de lobos brancos).
4. Mack foi inicialmente um estudante e mais tarde um condidente próximo e colaborador de Sigmund Freud, foi responsável por cosubstanciar a teoria de Freud.

Referências

- Carneiro, H. (2009). *Que Narciso é esse?* Recuperado em 14 março 2009, da http://www.cnpq.br/cnpq/livro_eletronico/pdf/henrique_carneiro.pdf
- Freud, S. (1976a). *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise: Conferência XXXI: A dissecação da personalidade psíquica* (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 22). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1976b). *O mal-estar na civilização* (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1930).
- Lacan, J. (1985). Conférence à Genève sur le symptôme. *Le Bloc-Notes de la psychanalyse* (5), 5-23.
- Lacan, J. (1998). *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Ortiz, R. (1985). *Cultura brasileira & identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense.

Recebido em 02 de fevereiro de 2009

Aceito em 05 de março de 2009

Revisado em 26 de abril de 2009